

**ANDERSON RIBEIRO
MORGANA CÔRTEZ DE OLIVEIRA ESTEVES CARDOSO
LAÍS CAVALCANTI**

**OCUPAÇÃO MAMA ÁFRICA:
MULHERES NEGRAS RESISTINDO À MERCANTILIZAÇÃO DA MORADIA**

RESUMO (1.000)

Este artigo aborda como o projeto de extensão “EM CADA RIBANCEIRA UMA NAÇÃO” tem tentado, junto aos moradores de favelas e ocupações, fortalecer as lutas pelos direitos humanos, principalmente o direito à moradia. Que hoje são negados às parcelas mais pobres das cidades, em detrimento do lucro como objetivo máximo do projeto capitalista de divisão do solo. A ocupação Mama África, nosso principal território de atuação, é uma ocupação composta por dois casarões. Mesmo que o direito à moradia seja citado na Constituição de 1988, é o poder econômico que decide quem pode ou não morar nos centros urbanos e ter acesso ao aparato que o poder público oferece - ruas asfaltadas, água e esgoto encanados, eletricidade, acesso à escolas e hospitais, entre outros.

Nosso projeto visa levar informação aos moradores sobre seus direitos e deveres. Assim como oferecer ferramentas para a difícil luta por moradia digna, principalmente no campo da comunicação. Ajudando em processos de mobilização interna entre os moradores da desta e de outras comunidades, assim como nos momentos em que a pressão ao poder público, concretizado no executivo municipal, se faz necessária.

PALAVRAS CHAVE: Ocupação, moradia, direitos humanos, cidade, mulheres negras

Abstract

**INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA, O PROBLEMA, OBJETIVOS - GERAL E ESPECÍFICO)
(4.000)**

O projeto *Em cada ribanceira uma nação*, tem como objetivo refletir e problematizar sobre as representações, feitas pela mídia tradicional e pelo poder público, acerca dos moradores das favelas e outras áreas mais pobres da cidade. Assim como auxiliar os moradores à perceberem estes processos e seus impactos cotidianos, além de incentivar que eles participem ativamente da construção de uma nova narrativa e sejam protagonistas de mudanças sociais. Resistindo contra os processos de remoção, marginalização e invisibilidade das lutas por direito. Nos últimos anos, prestamos auxílio na promoção de capacitação técnico-midiática dos moradores da comunidades do Chapéu Mangueira e Babilônia, Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, localizadas na Zona Sul da cidade Rio de Janeiro. Atuamos em parceria com o coletivo *Dá Teu Papo*, formado por jovens moradores de favelas cariocas, com o Núcleo de Comunicação Popular do Chapéu Mangueira

(NUCOPO), Bateria do Mestre Dá do morro do Cantagalo, com Key Tetra mobilizador comunitário, na época coordenador do CRJ do Morro do Cantagalo, assim como realizamos atividades em escolas públicas.

Em 2018, optamos por construir o *Programa A Universidade pública e o direito à cidade: assessoria a movimentos sociais do Estado do Rio de Janeiro*, junto ao Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos (NEPHU/UFF), o Fórum de Luta Pela Moradia de Niterói e São Gonçalo e outros sete projetos de pesquisa e extensão.

O Fórum de Luta Pela Moradia de Niterói e São Gonçalo, criado em 2017, constitui um importante espaço de articulação entre lideranças comunitárias de diferentes comunidades das cidades mencionadas. Um ambiente de troca de saberes entre os moradores que identificaram o processo de falta de implicação social em que estavam inseridos, como veremos adiante. Em nossas primeiras idas ao Fórum, identificamos que a comunidade Mama África, localizada no bairro de São Domingos, poderia ser um território de atuação interessante para acompanharmos.

Mama África é uma pequena comunidade composta majoritariamente por mulheres negras. Segundo relato das moradoras, a ocupação se originou de jovens egressas de um abrigo de órfãos (Oswaldo Aranha, município Barra do Pirai), dividindo o espaço com famílias que já ocupavam o terreno anteriormente. Atualmente há um total de 26 famílias que ocupam dois casarões, imóveis privados, que foram ocupados a partir da década de 1980.

Trata-se de um bairro vizinho ao centro da cidade, São Domingos, em processo de valorização, resultado da proximidade da universidade e de ações recentes da prefeitura voltadas para a *revitalização* da região central da cidade. Em 2000, a Prefeitura de Niterói, através da Coordenação de Defesa Civil, interditou um dos casarões, alegando condições de insalubridade e risco de desabamento. Porém, os moradores permaneceram no local e alguns anos depois procuraram o NEPHU. Em 2014, foi elaborado o Projeto Popular Mama África, a partir da necessidade de mudanças que garantisse as condições de habitabilidade e salubridade, assim como respeitasse os hábitos e desejos das famílias.

O Plano repercutiu junto aos responsáveis pela política habitacional no município e teve que se adaptar aos padrões da Caixa, o que encareceu o projeto, supostamente abrindo possibilidade de captação de recursos através do Programa Minha Casa, Minha Vida Entidades (MCMV-E). O então prefeito Rodrigo Neves, chegou a definir o projeto como “modelo” para Niterói. A proposta, porém, nunca foi adiante e a comunidade sequer integra a lista de Zona de Especial Interesse Social do Plano Diretor, em discussão na Câmara de Niterói. O projeto atual prevê a preservação do casarão N° 48 e a demolição dos cômodos construídos pelos moradores e do casarão N° 50, por estar muito deteriorado, onde serão implantados dois prédios de 5 andares nos quais estão distribuídos os 28 apartamentos.

Fomos à Ocupação Mama África pela primeira vez em um domingo, para acompanhar a finalização da pintura da fachada. A atividade teve início na semana de calouros do curso de Arquitetura e Urbanismo, e envolveu, além da pintura da fachada, inúmeras outras atividades a fim de aproximar a universidade daquele lugar que já se encontra geograficamente perto dos dois maiores campus da Universidade Federal Fluminense.

Por um problema de comunicação interna entre os moradores da ocupação, a atividade acabou não acontecendo, mas nossa visita foi positiva e já começamos a identificar as especificidades daquele lugar, assim como seus problemas e desejos dos

moradores. Percebemos que a não realização do Projeto Popular Mamá África acabou por nutrir um sentimento de frustração nos moradores daquela comunidade, o que teve como consequência uma desarticulação política interna das famílias que ali habitam.

DESENVOLVIMENTO COM FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (6.000)

Buscamos aqui refletir sobre o lugar político e social ocupado pelos moradores de favelas do Rio de Janeiro nos dias de hoje. Ainda que usemos como referência uma comunidade específica que certamente possui especificidades, ressaltamos que nossa ideia é ampliar a discussão a respeito dos saberes locais em perspectiva com o processo histórico de formação destas favelas, tanto quanto com os desafios que surgem em decorrência de uma determinada política de cidade implementada nos referidos territórios, que enxerga o direito à moradia como mercadoria, beneficiando a especulação imobiliária.

Estas linhas, neste sentido, não pretendem homogeneizar realidades ou assentar sentidos, mas ampliar e problematizar o debate acerca das condições de habitação da parcela mais pobre das cidades. Caso contrário, incorreríamos no risco, conforme ressalta Leitão, de acreditar na ideia de que ao ter contato com uma favela se está conhecendo todas: “As favelas da cidade do Rio de Janeiro não são apenas distintas daquelas existentes há 50 anos, como, também, apresentam diferenças internas que foram constituídas ao longo do tempo e de sua expansão espacial. No entanto, a visão homogeneizante que considera ‘iguais’ todas as favelas, ainda está presente no senso comum – e também nas práticas de alguns agentes do setor público. Trata-se de uma visão que não dá conta da complexa dinâmica socioespacial das favelas cariocas e deve, portanto ser revista” (LEITÃO, 2009, p. 59). Tal aspecto é central para entendermos as dinâmicas culturais específicas do Chapéu Mangueira, da Babilônia, e das outras comunidades atendidas pelo Programa, mais notadamente os morros da Chácara, Arroz e Estado (Centro de Niterói), Lazareto, Peixe Galo e Salinas (Jurujuba), Ocupação Mama África (São Domingos), Fazendinha (Sapê), Cantagalo (Pendotiba), Colônia de Pescadores da Ponta da Areia (Ponta da Areia), Beira da Lagoa de Piratininga (Piratininga), Colônia de Pescadores de Itaipu (Itaipu), em Niterói e Vila Esperança (Porto Novo), em São Gonçalo.

Além dos obstáculos citados acima, em nossas visitas pudemos perceber também como a Ocupação Mama África, apesar de possuir aspectos que estão presentes na maioria das favelas, como fiação, água e esgotos precários, é um território com inúmeras especificidades. É uma favela construída a partir de dois casarões pertencentes ao setor privado, o que difere da maioria das favelas que ocupam terrenos públicos. O número reduzido de famílias, consequência direta da limitação de espaço, também é um diferencial desta comunidade. Entretanto, as investidas do poder público e da iniciativa privada de retirar os moradores, localizados ainda hoje em uma área da cidade considerada nobre, é uma característica comum em todas as favelas. As relações de poder impostas pelo crime organizado também podem ser sentidas nessa comunidade, apesar de em menor grau do que vemos em outros territórios.

Essas peculiaridades da Ocupação Mama África muitas vezes a difere do arquétipo de favela construído na televisão e na mídia tradicional como um todo, o que acaba por confundir os moradores de sua auto definição. Identificamos, nas reuniões do Fórum de Luta Pela Moradia de Niterói e São Gonçalo, que esta falta de segurança de se afirmar enquanto uma favela às vezes acaba por distanciar a Mama África das outras comunidades

representadas nesse espaço. Sobre a construção identitária do favelado, os autores Alba Zaluar e Marcos Alvito, no livro *Um século de favela*, argumentam:

A favela ficou também registrada oficialmente como a área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgotos, sem água e sem luz. Dessa precariedade urbana, resultado da pobreza de seus habitantes e do descaso do poder público, surgiram as imagens que fizeram da favela o lugar da carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas que fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade, o 'outro', distinto do morador civilizado da primeira metrópole que o Brasil teve. Lugar do lodo e da flor que dele nasce, lugar das mais belas vistas e do maior acúmulo de sujeira, lugar da finura e elegância de tantos sambistas, desde sempre, e da violência dos mais famosos bandidos que a cidade conheceu ultimamente, a favela sempre inspirou e continua a inspirar tanto o imaginário preconceituoso dos que dela querem se distinguir quanto os tantos poetas e escritores que cantaram suas várias formas de marcar a vida urbana no Rio de Janeiro". (ZALUAR e ALVITO, 2006, p. 8)

Além do exposto até aqui, também podemos observar as limitações da atuação da academia dentro de uma comunidade, e todos problemas que essa relação implica. Apesar da intenção do NEPHU e dos projetos que o Programa engloba ser positiva, ter como objetivo trazer melhores condições de vida àquelas famílias, nem sempre os processos se dão da maneira mais benéfica a todos. As diferenças de vida, como o próprio acesso à educação superior, localização de moradia, dentre outros fatores, acabam por serem evidenciados no encontro desses dois agentes: a universidade e a ocupação.

METODOLOGIA (2.000)

Como consequência da mudança de foco do nosso projeto, a primeira metodologia aplicada foi a aproximação a esse campo, até então novo para todos nós, das ocupações por moradia. Começamos a acompanhar as atividades do NEPHU e do Fórum, com o objetivo de entender melhor as dinâmicas daquelas comunidades, suas principais lideranças e pautas.

Entendemos que é importante, antes de qualquer ação concreta, estabelecer uma relação de confiança com os moradores das localidades supracitadas. Visitamos a Ocupação Mama África diversas vezes, principalmente nos horários de maior socialização entre os próprios ocupantes, identificada por eles mesmos como às tardes de sábado e domingo. Enquanto as crianças brincavam na calçada e alguns adultos bebiam uma cerveja no bar ao lado da ocupação, nós, bolsistas do projeto, tentávamos abordar os moradores com conversas despreziosas, com o único objetivo de conhecer melhor a comunidade. Fazíamos perguntas sobre a história da ocupação, quem e quando chegou no território primeiro e como se deu esse processo, até as dinâmicas dos dias atuais, como eles se organizam internamente.

A partir disso, fomos traçando os principais anseios da comunidade, assim como os problemas identificados por eles mesmo. Além de mapear possíveis lideranças dentro da ocupação, que nesse momento sofria um declínio de mobilização.

Para nós, também é importante frisar na nossa fala, assim como em nossas ações, que acreditamos que os saberes populares, presentes principalmente na oralidade, são tão

importantes quanto nosso saber acadêmico, compartilhado majoritariamente pela escrita. Os moradores, apesar da pouca instrução em termos de educação formal, muitas vezes chegavam às mesmas conclusões que nós, apesar dos caminhos diferentes.

RESULTADO COM DISCUSSÃO (2.000)

Apesar do nosso projeto não ter como horizonte um objetivo ou produto concreto, as mudanças observadas são demasiadamente importantes. Em primeiro lugar, é necessário exaltar o campo da extensão, que possibilita um contato entre a Universidade e seu entorno, trazendo benefícios para ambos os lados. Nós, estudantes, temos a oportunidade de pôr em prática os conhecimentos obtidos em salas de aula, por um viés socialmente referenciado. Os territórios e grupos sociais atendidos pelos mais diversos projetos de extensão existentes têm a oportunidade de ter contato com possibilidades que nem sempre são apresentadas em suas trajetórias de vida. A troca de conhecimentos e experiências é um dos pilares da nossa metodologia e está presente em cada resultado.

Podemos observar alguns fatores que nos chamaram atenção neste processo. Um exemplo disso é o ingresso de uma das moradoras da Ocupação Mama África em um pré vestibular gratuito, visando uma posterior entrada na educação superior. O fato de uma mulher negra, mãe, com cerca de 45 anos, ter interesse por um curso de graduação é um fato que traz impactos positivos para toda a comunidade. Podemos observar isso em um curto espaço de tempo: logo depois dela, outras moradoras também demonstraram o mesmo desejo.

Desencastelar a universidade, principalmente a pública, e apresentá-la como um caminho possível às classes menos abastadas da sociedade é não apenas um direito dos que estão fora dos muros da academia, como também um dever de todos que tiveram o privilégio de adentrar seus portões.

Além disso, outro resultado que percebemos ao longo do processo mas pode ser invisível para quem olha apenas para a linha de chegada é a democratização da informação. Em todas as nossas visitas e ações, pudemos levar informações que ainda hoje são escondidas pela grande mídia e por parte do poder público. Incentivamos sempre que os moradores se apropriem dos meios de informação, participando ativamente da disputa da opinião pública, incessante em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (3.000)

Durante nosso período acompanhando a Mama África descobrimos que o IPTU de ambos os casarões que compõe a ocupação estavam atrasados. A dívida do N°48, que ainda se encontra ativa, categoria que possibilita que os moradores consigam parcelar a quantia e pagar. O casarão N°50, infelizmente, está com uma dívida inativa de 22 mil reais. Como a dívida já se encontra inativa, o imóvel vai direto para leilão. Apesar desse leilão não ocorrer do modo tradicional, em uma hora marcada, qualquer pessoa física ou jurídica que tiver interesse no terreno e possuir a quantia pode comprá-lo. A já mencionada localização do casarão e o baixo valor, comparado aos arredores, são fatores que podem atrair os olhos de empresas imobiliárias. O único motivo que pode deixar a oportunidade menos

atraente é que a prefeitura não se responsabiliza pelo despejo dos atuais moradores. A ação fica por parte do comprador.

Diante da iminente possibilidade de expulsão, começamos a nos articular para dar solução às referidas dívidas. Depois da situação ser exposta pelos moradores, o Fórum de Luta por Moradia Niterói e São Gonçalo agendou uma reunião com a presença de uma procuradora. A profissional explicou a necessidade do pagamento do IPTU e explanou alguns detalhes dos quais os moradores divergiam. Um dos principais fatores que culminou na falta de pagamento do IPTU foi o desconhecimento dos moradores acerca de quem deve pagar essa taxa, locadores ou inquilinos. Os moradores, então, convocaram uma reunião de todos os ocupantes da Mama África para resolver o que farão daqui pra frente.

Nesta sequência de fatos podemos observar como a atuação conjunta de diferentes atores vem somando esforços pelas mesma causa. O Fórum proporciona um espaço de diálogo entre moradores de comunidades, no qual os mesmos apontam problemas comuns e traçam estratégias de defesa e garantia de seus direitos. O NEPHU, com sua assessoria técnica e jurídica, assim como nosso projeto, auxilia os moradores na busca por informações e mecanismos de proteção. Os moradores, por fim, agregam com sua vivência única de habitar o referido local, e refletem sobre a necessidade de caminharem juntos.

As dívidas da Ocupação Mama África ainda estão vigentes. As investidas do capital imobiliário contra habitações populares em locais considerados nobres também seguem a cada dia. Nossa articulação, entretanto, mostra que esse projeto político não contempla a todos os cidadãos da cidade. E que estamos dispostos a lutar por mudanças sociais a partir da organização coletiva, construindo pontes entre o saber acadêmico e o popular.

O projeto “EM CADA RIBANCEIRA UMA NAÇÃO”, portanto, começou em um favela, passou por escolas e agora está numa ocupação. Trazemos a reflexão sobre como é importante que as classes populares se apossam da comunicação como forma de resistência. Para então construir uma nova narrativa sobre si.

REFERÊNCIAS (2.000)

KANT DE LIMA, Roberto. A administração dos conflitos no Brasil: a lógica da punição. In: Velho, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs). Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

LEITÃO, Gerônimo. Dos barracos de madeira aos prédios de quitinetes: uma análise do processo de produção da moradia na favela da Rocinha, ao longo de cinquenta anos. Niterói: EdUFF, 2009.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs.). Um século de favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.